

# II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

## Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

## DESAFIOS DO PLANEJAMENTO DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: RELATOS E REFLEXÕES

Amanda Scapini Maldaner<sup>1</sup>  
Eloiva Fátima Ferreira de Lima<sup>2</sup>  
Tiago Emanuel Klüber<sup>3</sup>

**Resumo:** O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, PIBID, é uma proposta relativamente consolidada para a formação de professores em nosso país. E, como ocorre com qualquer proposta, é de se esperar que ela propicie avanços, os quais, por sua vez, requerem a superação de entraves. Um destes se concentra na questão do planejamento necessário em qualquer ação pedagógica. Desse modo, nesse texto, perseguimos a seguinte interrogação: *Quais os desafios do planejamento na Iniciação à Docência?* O material significativo para efetuarmos essa discussão consiste em relatos de experiência de alguns integrantes do programa, do subprojeto da Licenciatura em Matemática da Unioeste, Cascavel. Além destes relatos, tomamos as memórias e relatórios das reuniões periódicas realizadas ao longo do ano de 2014. Como desfecho, apresentamos reflexões sobre o planejamento situadas a partir das particularidades dos envolvidos no processo.

**Palavras-chave:** Licenciatura. Formação de professores. Prática Docente.

### Situando a proposta do texto

O planejamento é, segundo a nossa compreensão, um dos principais aspectos a serem discutidos no contexto da Iniciação à Docência e pode ser visto sob diferentes perspectivas. Assim, consideramos pertinente focá-lo a partir da experiência dos estudantes que fazem parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

Esse objeto pode ser mais bem compreendido sob a interrogação: *Quais os desafios do planejamento na Iniciação à Docência?* A partir dela, para fins de análise e reflexão, tomaremos os relatos de dois integrantes do programa e os excertos de memórias das nossas reuniões periódicas realizadas em 2014, como material significativo.

A proposta pedagógica do primeiro semestre foi pautada na articulação da resolução de problemas e a escolha de atividades que permitissem a identificação e superação de obstáculos didáticos ou epistemológicos na aprendizagem de conteúdos

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel - amandita.maldaner@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel - eloiva16@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Educação Científica e Tecnológica (UFSC). Professor adjunto na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Colegiado de Matemática. Docente no programa de Pós-Graduação em Educação, PPGEd, Unioeste/Unioeste, Cascavel. Docente no programa de Pós-Graduação em Ensino, PPGEn, Unioeste, Foz do Iguaçu – tiagokluber@gmail.com

matemáticos, conforme Almouloud (2007).

Ao final, efetuaremos uma reflexão sobre os dois relatos, buscando convergências entre eles. Assim, teremos condições de explicitar os desafios do planejamento no contexto da iniciação à docência.

### **Relato 1 – Primeira autora**

Em nossos encontros do PIBID, optamos por dividir o grupo em dois. O primeiro seria responsável pela aplicação das atividades na escola, porém todos deveriam planejá-las, juntamente com os professores orientadores. No início de tal planejamento, surgiram-me questões essenciais para o sucesso dele: Como tornar a tarefa interessante e atrativa para todos os alunos? Qual seria a melhor maneira de abordar o tema proposto?

A principal ideia que norteou nossas ações foi de lidar com as dificuldades dos alunos na matemática básica, em especial com operações e frações. Aí surgiu outra pergunta: Como melhor suprir as necessidades dos alunos sem conhecê-los, sem saber de suas realidades? Percebi que minha falha foi não ter pesquisado quais eram os principais obstáculos, em geral, que os alunos dessa faixa etária, a ser trabalhada, apresentavam.

Baseados na teoria dos Obstáculos Epistemológicos e, implicitamente, na de Resolução de Problemas, planejamos então nosso rol de atividades, de forma objetiva. Optamos por atividades lúdicas, para não ficarmos na mesma rotina da sala de aula e, além disso, para fazer os alunos interagirem entre si, a fim de desenvolver melhor o pensamento lógico matemático.

Uma dificuldade encontrada foi como articular uma etapa a outra, retomando somente o relato de quem as havia aplicado na escola. Em outras palavras, indagava como melhor dar sequência ao plano baseada nas memórias dos colegas, sem ter eu mesma vivido a experiência de aplicá-lo, sem saber qual a reação exata dos alunos e, conseqüentemente, sem poder perceber qual o melhor caminho a ser tomado. Esse planejamento, em minha opinião, foi imprescindível para verificarmos o que funcionou e o que não agradou aos alunos, também aquilo que acertamos e erramos no desenvolvimento das atividades. Planejá-las não foi tarefa fácil, em primeiro lugar pelas dificuldades e questões que surgem, como já citado, também pela falta de hábito de planejamento e pela insegurança de quem está iniciando a prática docente.

## Relato 2 – segunda autora

Durante o planejamento do projeto optamos por trabalhar o conteúdo de frações, devido à maioria dos alunos possuírem certa dificuldade em trabalhar com tal conteúdo. Assim, cada pibidiano ficou responsável por pesquisar algumas atividades envolvendo frações.

Durante as reuniões que tínhamos semanalmente, discutimos como abordar este conteúdo de maneira diferente. No começo confesso que me senti um pouco perdida, não sabia por onde começar, pois vi este conteúdo na escola de uma maneira tradicional, ou seja, o professor sempre utilizava a mesma abordagem.

Pesquisando encontrei um jogo de dominó de frações, o que me chamou bastante atenção, pois o dominó trazia a representação de frações de uma maneira diferente, envolvendo figuras do Tangram. Nas discussões sugeri aos colegas e professores para trabalharmos esse jogo, já que um dos colegas havia proposto que trabalhássemos anteriormente com a construção do Tangram. Então tal jogo ajudaria a reforçar as operações com esse conteúdo. Escolhi essa atividade porque penso que devemos trabalhar com vários tipos de representações do “todo”, para que os alunos não fiquem presos em apenas uma.

Um dos colegas relatou que os alunos tiveram dificuldades para realizarem a soma das peças do Tangram, estavam somando numerador com numerador e denominador com denominador, chegando em resultados absurdos. Não perceberam que a soma deveria resultar em 1. A partir disso resolvemos trabalhar com o jogo de dominó, para tentar sanar essa dificuldade da soma de frações.

## Para além dos relatos: convergências e reflexões

A partir da releitura e análise dos relatos, identificamos algumas convergências que remetem a desafios a serem enfrentados no contexto do planejamento que envolve a iniciação à docência. Essas convergências revelam, principalmente, a possibilidade de autoesclarecimento da ação pedagógica dos futuros professores. No quadro 1 apresentamos as categorias e os códigos que destacamos dos relatos. Por exemplo: R1.1, diz respeito ao excerto “O primeiro seria responsável pela aplicação das atividades na escola, porém todos deveríamos planejá-las, juntamente com os professores orientadores.” E assim procedemos para os demais. Por limitação de páginas, registramos no quadro apenas os códigos.

<b>Categorias</b>	<b>Excertos do relato</b>	<b>Qtd</b>
Trabalho coletivo e compartilhado	R1.1	1
Planejamento sem a vivência no contexto escolar	R1.3, R1.5	2
Competência teórico-prática	R1.4, R2.1, R2.2, R1.2, R2.3	5
Concepções prévias sobre planejamento	R1.6, R2.4	2

**Quadro 1:** Convergências entre os relatos

**Fonte:** Os autores

**O trabalho coletivo e compartilhado** é um desafio, pois requer um ambiente apropriado às trocas de experiências e ao mesmo tempo em que solicita heterogeneidade, solicita homogeneidade. Isto é, levar em conta as particularidades de cada sujeito envolvido e ter algum grau de diálogo. Esse desafio só pode ser superado por um trabalho relativamente organizado que, em médio prazo, suscite o engajamento efetivo de todos os participantes. Além disso, há que se superar os diferentes perfis acadêmicos, tendo em vista que o planejamento coletivo envolve estudantes de diferentes séries da licenciatura em matemática. Sobre esse desafio, Lopes (1988, p. 50) enfatiza que numa dimensão mais participativa do planejamento, “[...] não será possível a convivência de um discurso de participação com uma prática de divisão e da competição”. A proposta que buscamos empreender, apesar dos condicionamentos estruturais, se alinhou à postura de participação, uma vez que todos conheciam a totalidade da proposta, e mesmo sem ir à escola, pelas situações estruturais de cada um, esse compartilhamento era a meta a ser atingida.

**O Planejamento sem a vivência do contexto escolar** se mostrou como uma peculiaridade das duas primeiras autoras deste texto, já que sem um conhecimento prévio tornou-se difícil traçar metas e intervir adequadamente, quando necessário. No entanto, longe de ser apenas uma deficiência, indica a preocupação de conhecer mais a fundo o contexto escolar e aponta, também, para o trabalho coletivo realizado pelo grupo. Apesar de não terem ido à escola, participaram efetivamente das discussões e refinamentos com aqueles colegas que atuaram no contra turno.

As **competências teórico-práticas** se mostraram um tanto quanto frágeis, devida à inexperiência e à falta de hábito de retomar o que já foi estudado, ou seja, voltar à teoria e relacioná-la ao contexto a ser trabalhado. Esse é um desafio da cultura de formação de professores que se centra no modelo de transmissão-recepção de conhecimento. É como afirma Freire (1996), que aquele que forma precisa ser formado também. Assumindo essa postura, refuta-se esse modelo de transmissão de conhecimento e passa-se a admitir o modelo de construção de saberes por meio do diálogo. Este, por sua vez, requer idas e vindas. Assim, a fragilidade emergida naquilo que denominamos de competências teórico-práticas, poderão ser superadas se cada

integrante do projeto expor, reconhecer e trabalhar as fragilidades que lhes são próprias. O ato de refletir sobre os relatos esclarece e dá um caminho a ser seguido para superar o desafio da aquisição de competências teórico-práticas, as quais envolvem desde o entendimento de referenciais, pesquisa e preparação de materiais, até a prática pedagógica ela mesma.

No tocante à categoria **Concepções prévias sobre planejamento**, podemos dizer que as estudantes compartilham da ideia de roteiro rígido. Uma das dificuldades é a concepção de que o planejamento é apenas um ato intelectual sem relação prévia com o contexto e a realidade escolar. Romper com essa concepção é urgente. Isso revela que o planejamento não é um ato que apenas precede a ação docente, mas que a acompanha ao longo de todo o processo. Carvalho (1978, p.71) esclarece que o “Plano deve ser revisto, reformulado, refundido, ampliado, modificado, ajustado às novas condições em anos subsequentes”. E nós defendemos que isso também deve ocorrer no itinerário da condução das atividades. O planejamento não deve ser tomado como uma atividade mecânica e desvinculada da realidade sociocultural que constitui a escola. Certamente não poderemos aguardar um ano todo para efetuar modificações no planejamento didático. Nosso entendimento é de que ele é um roteiro que retira o professor de inspirações apenas momentâneas, mas que, ao mesmo tempo, não pode engessar a ação pedagógica que requer mudanças mais imediatas; o que recai sobre a capacidade de improvisação. Esta não é uma achismo, pois o improviso de um profissional qualificado, na área em que atua, será de algum modo fundamentado e corresponderá às situações mais imediatas e inusitadas da prática pedagógica. Em suma, é a necessária dialética entre a preparação e ação propriamente dita.

796

### Considerações

Neste texto explicitamos, a partir da interrogação: *Quais os desafios do planejamento na Iniciação à Docência?*, aspectos que se mostraram relevantes a partir da nossa experiência vivida. Concluímos, com isso, que planejar é um aspecto fundamental para a obtenção de êxito no processo ensino-aprendizagem. Ele deve se tornar um hábito desde o início da atividade docente, mas não deve se dar de qualquer maneira, ou seja, é preciso elaborar um trabalho bem pensado e bem estruturado sob perspectivas claras de interação e colaboração. E, conseqüentemente, outro desafio que emerge é pensar e, ainda, repensar o conceito de planejamento.

### Referências Bibliográficas:

CARVALHO, I. M. **O processo didático**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

FREIRE, P.. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa.35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

LOPES, A. O. (*et al*). Planejamento de Ensino num perspectiva crítica. In: VEIGA, I. P. A. **Repensando a Didática**. Campinas: Papirus, 1988. p. 41-52.

SADDO, A. A. **Fundamentos da Didática da Matemática**. Curitiba: UFPR, 2007.